

ÁREA TEMÁTICA: GESTÃO AMBIENTAL

O TRABALHO NO CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DOS SUJEITOS DA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE DOIS VIZINHOS-PR

Daiane Cristina Rocha (daiacristinarocha@hotmail.com), Mafalda Nesi Francischett (mafalda@wln.com)

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

RESUMO

Este artigo é resultado de estudos e pesquisa realizados com a participação dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativas (GP-RETLEE), do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão/PR. Segue o objetivo de analisar os elementos histórico-sociais de constituição do trabalho, na perspectiva do sujeito Catador de Materiais Recicláveis (CMR), a partir da labuta na Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Dois Vizinhos- PR (ACAT-DV). Os fatores determinantes desse processo perpassam pela investigação dos aspectos histórico-socioeconômicos e políticos, que dão visibilidade ao trabalho do(a) CMR, na identificação no contexto histórico-social da práxis da ACAT-DV e, no significado e perspectiva do trabalho na vida do(a) CMR. Os dados foram coletados e analisados por meio de estudo de caso na ACAT-DV, no ano de 2019; os(as) sujeitos entrevistados(as) foram 13, entre associados(as), presidente e técnico da Associação. O estudo revela o reconhecimento profissional tardio e o contexto desigual destes(as) trabalhadores(as), seja no âmbito social, no trabalho ou na educação, que limita e os(as) conduz para o trabalho da sobrevivência. As características da atividade são aliadas a esse contexto desigual de oportunidades, também na educação formal. Nestas condições, a questão educacional se mantém como se fosse desnecessária e o trabalho se torna cada vez mais primordial a esta condição de vida. Assim como, esse labor aparece enraizado como atividade da família, que passa por gerações, que vivenciam desde a infância.

Palavras-chave: Relação de Trabalho; Catador de Materiais Recicláveis; Contradição.

THE WORK IN THE SOCIAL AND HISTORIC CONTEXT OF THE SUBJECTS' ASSOCIATION RECYCLABLE MATERIALS COLECTORS' OF THE DOIS VIZINHOS-PR

ABSTRACT

This article is result of the research and studies realized with the researches' participation of the Research Laboratory Representations, Spaces, Times and Languages in Educative Experiences (GP-RETLEE), of the Postgraduate Program in Education, Master's degree, at Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Francisco Beltrão campus. Follow the objective analyze the social-historical elements of work's constitution, in perspective Recyclable Materials Collectors' (CMR), as of toil at Association Recyclable Materials Collectors' of the Dois Vizinhos-PR (ACAT-DV). The determinants factors this process through by research of the socioeconomic-historic and political aspects, that it gives a visibility to CMR work, in identification on social-historic context of the ACAT-DV praxis and, in meaning and works perspective in CMR's life. The data was collected and analyzed through the case study at ACAT-DV, in the year of 2019; the subject respondents was 13, among associates, chairman and Association's technical. The study unfold the professional

belated recognition and the uneven context these workers, as in social context, in work or in education, which limit and conduct them to the work to survive. The characteristic of the activity was allied in this uneven context of the opportunities, in formal education too. In these conditions, the educational question keeps unnecessary and the work becomes primordial to this living conditions. Just as, this labor appear rooted as family activities, that pass through generations, and experiencing since childhood.

Keywords: Work Relationship; Recyclable Materials Collectors'; Contradiction.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de pesquisa que culminou na dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR, intitulada: "O contexto histórico e social do trabalho dos sujeitos da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Dois Vizinhos-PR", contempla discussões sobre os aspectos histórico-sociais da práxis do(a) sujeito(a) Catador(a) de Materiais Recicláveis (CMR), a organização deste trabalho em associações ou cooperativas, as condições de trabalho e de vida e o como se apresenta o contexto educacional nesta dinâmica.

As reflexões seguem os dados obtidos por entrevistas com os(as) trabalhadores(as), na Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Dois Vizinhos-PR (ACAT-DV) e os caminhos teóricos embasados nas discussões teóricas de Antunes (2007) e Pochmann (2008, 2011) com abordagem socioeconômica, das imposições do mercado de trabalho e as transformações para o trabalho informal-precarizado. Os aspectos históricos-sociais e formadores do(a) sujeito(a) CMR, o princípio das práticas de reciclagem e início do trabalho com Resíduos Sólidos Domiciliares Recicláveis (RSDR). Também nas concepções de Adeodato (2008), de Bosi (2008), (2015) e de Eigeenher (2005, 2009). Nas reflexões de Montibeller-Filho (2001) sobre a escassez dos recursos naturais e a reciclagem, também, numa prática que recicla o próprio capital. Assim como em Conceição (2003) cujo contexto dá visibilidade ao material coletado, na perspectiva de empresas recicladoras.

Segue os caminhos históricos da sociedade brasileira e sobre a significação da educação escolar, no contexto de transição escola-trabalho, também analisados por: Carvalho (2010), Lombardi; Saviani; Sanfelice (2005) e Hasenbalg e Silva (2003).

A responsabilidade socioambiental que envolve os RSDR abrange, além das questões visíveis de produção/consumo, toneladas e montanhas acumuladas, a invisibilidade da atividade laboral dos sujeitos Catadores(as) de Materiais Recicláveis (CMR). As características sociais dos RSDR perdem sua função de não utilidade. Consequentemente, essa característica está vinculada a realidade de trabalhadores(as) na construção histórica da invisibilidade da sociedade diante desse trabalho.

Geralmente este(a) trabalhador(a) convive nos espaços periféricos das cidades, sua atividade acompanha a evolução do mercado de resíduos e a valorização da indústria de reciclagem. Assim como sua denominação tem significado, conforme o refugio que se destaca, a exemplo: scavenger, trapeiro(a), papeleiro(a) até chegar no(a) CMR.

A práxis do(a) CMR transforma a vida social do(a) sujeito(a), mesmo em condições de desigualdade, esse trabalho significa um meio de integração social e educacional nas questões vivenciadas pelo Ser catador(a). As condições e padrões de trabalho e de educação são moldados pela sociedade, atuam distante dessa realidade. Assim, muitas vezes, os(as) limita a viver uma condição de estagnação ou atraso nas questões do trabalho, educação e vivência cotidiana.

O percurso histórico da sociedade brasileira mostra a desigualdade, discriminação e privação de recursos a essa população, a qual se reproduz até os dias atuais. Estes(as) sujeitos(as) são obrigados(as) a viver num contexto desigual de oportunidades. Nestas condições, a questão educacional é desconsiderada e o trabalho é primordial à condição de vida.

Segue o propósito, neste texto, de analisar os elementos histórico-sociais de constituição do trabalho, na perspectiva do sujeito CMR, a partir da labuta na ACAT-DV. Os fatores determinantes

desse processo perpassam pela investigação dos aspectos histórico-socioeconômicos e políticos, que dão visibilidade ao trabalho do(a) CMR, na identificação no contexto histórico-social da práxis da ACAT-DV, no significado e perspectiva do trabalho na vida do(a) CMR.

2. OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

Analisar os elementos histórico-sociais de constituição do trabalho, na perspectiva do sujeito CMR, a partir da labuta na ACAT-DV.

2.2 Objetivos Específicos

Avaliar os aspectos histórico-socioeconômicos e políticos de visibilidade no trabalho do(a) CMR;
Identificar o contexto histórico-social na práxis da ACAT-DV e;
Explorar o significado e perspectivas do trabalho na vida do(a) CMR.

3. METODOLOGIA

O processo passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da UNIOESTE, seguindo a Resolução CNS 510/16, submetido a avaliação em 05/12/2018 e aprovado em 18/12/2018. A abordagem metodológica percorreu análise de dados bibliográficos-científicos-acadêmicos, de documentos, de leis do Brasil, do Paraná e de Dois Vizinhos-PR. Foram analisados documentos da ACAT-DV, atas de reuniões da Diretoria Geral da Associação, que contribuíram para a construção da trajetória de desenvolvimento, desde sua constituição no ano de 2011, até fevereiro de 2019. Também com o levantamento de informações junto a Prefeitura Municipal de Dois Vizinhos-PR. E o estudo de caso, na ACAT-DV, no ano de 2019. Entrevista com perguntas abertas e fechadas que identificaram a faixa etária, grau de escolaridade, formação profissional, primeiro emprego, outros trabalhos, função na ACAT-DV, entrada na Associação, representação da atividade, motivo para estar na atividade e na ACAT-DV, período de atividade na ACAT-DV e anterior na catação na rua, outras oportunidades de trabalho, renda média mensal, quantitativo de familiares que vivem dessa renda, os familiares na catação, as dificuldades e benefícios desta atividade, problemas de saúde ou preconceito por conta do trabalho, o significado ambiental do trabalho, assim como, as perspectivas de trabalho e de vida do(a) catador(a) associado(a). Os dados foram analisados, transformados em categoria de gráficos e tabelas, também, alguns depoimentos são descritos no decorrer do texto. Os entrevistados(as) foram 13 participantes entre o representante, o técnico de apoio e os sujeitos catadores(as)/trabalhadores(as).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Das sobras ao trabalho

O processo de desenvolvimento histórico da sociedade brasileira demonstra como os interesses econômicos influenciam, projetam e criam as condições de existência. A redução do trabalho estável operariado, a substituição do ser humano por máquinas e o processo de globalização do mercado, contribuem para que os(as) sujeitos(as) estejam na condição entre o subemprego e desemprego. Cada vez mais o trabalho operariado industrial, rural clássico e assalariado de serviços é substituído pelo trabalho terceirizado, informal, subcontratado e temporário. Gradativamente, trabalhadores(as) oscilam entre o desemprego e aceite de qualquer labor. (ANTUNES, 2007).

Deste modo, o mercado domina as condições de trabalho e de subsistência do(a) sujeito(a) trabalhador(a). As organizações privadas se moldam e atualizam a todo o momento, e os(as) sujeitos(as) vivem nessas mudanças, o que ocasiona, muitas vezes, a falta de preparação, de formação, de especialização, ficam inseridos num contexto desigual, periférico ao que o mercado impõe. Ou seja, a condição de existência é a maior necessidade, e deste modo, se tornam marginalizados no processo.

Nesse contexto, se caracteriza uma espécie de cidadania limitada, sentimento de não-pertencimento, ao mesmo tempo, de dependência, da falta de participação ativa na integração da

sociedade, de marginalidade social, de estar condicionado à existência de barreiras sociais e culturais que impedem essa participação, na sociedade. (QUIJANO, 1978).

O trabalho do(a) catador(a) está associado a dinâmica da informalidade, algumas vezes, parte integrante de situações variadas de exploração. A existência do trabalho informal deriva, historicamente, do excedente de força de trabalho que estaria disponível conforme as necessidades do capital. (POCHMANN, 2008).

A partir das duas últimas décadas do século XIX, às ocupações de baixa produtividade e precárias condições de trabalho marcam o contexto da crise do emprego no Brasil. A maioria das vagas abertas não são de assalariados(as), mas de ocupações sem remuneração: autônomo(a), trabalho independente/por conta própria, de cooperativa, entre outras. (POCHMANN, 2011).

Nesta perspectiva, o trabalho informal atende as necessidades produtivas de grandes empresas e estas se apropriam das produções materiais e do trabalho, remunerando a peça produzida, do mesmo modo, para se desobrigar dos custos sociais das relações empregatícias. (ALVES; TAVARES, 2006). Na informalidade do trabalho do(a) catador(a) a empresa intermediária ou empresa de reciclagem apropria o material por um valor precário ao mesmo tempo em que não paga pelo trabalho executado. Isto é, a atividade do(a) catador(a) é uma espécie de sobra de trabalho em condições de exploração. Dados do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), se estima que existem cerca de 800 mil catadores(as) em atividade no Brasil, são responsáveis por 90% da coleta de recicláveis no país. (MNCR, 2019).

Neste sentido, são vários CMR concorrendo em busca do Resíduo Sólido Domiciliar Reciclável (RSDR)¹, para conseguir volume significativo e ganho maior na venda. Os processos desse movimento envolvem um valor precário pago no RSDR pelas indústrias, a quantidade elevada de catadores(as) nessa procura e volume significativo nos recicláveis para obter ganhos melhores. Esta concorrência gera a inferioridade no valor do RSDR e conseqüentemente a dinâmica de exploração e subordinação neste trabalho.

Na organização de trabalho dos(as) catadores(as), além daqueles que estão vinculados à associações ou cooperativas, ainda existem os(as) catadores(as) autônomos(as) que, estão os carrinheiros, que catam com carrinho pela rua e aqueles que utilizam veículos para a coleta. Muitas vezes, para adaptar e facilitar o trabalho, porém, em condições inseguras, como visualizado na figura 1:

Figura SEQ Figura * ARABIC 1.Catadores(as) autônomos(as)



Fonte: Sul21, 2016. Metro Jornal, 2018. Rede Brasil Atual, 2012. Elaboração: Autora, 2020.

¹ Será considerado RSDR no ato de catação até chegada para separação. Após a separação do reciclável conforme suas características, será considerado Material Reciclável, pois é neste momento que o(a) catador(a) o transforma em material reciclável distribuído em especificações iguais, pronto para comercialização e destinação a uma empresa intermediária ou indústria de reciclagem.

Vemos a quantidade elevada de RSDR nos carrinhos de rua e as adaptações que envolvem os veículos, de acordo com a necessidade da coleta e de transporte, para quantidades maiores. O ato laboral do(a) CMR envolve algumas transformações, de acordo com que o sistema econômico necessita. Sua denominação, catador(a), também passa por outras denominações conforme o material que o mercado necessita em cada época. No século XVI, os envolvidos com essa atividade eram chamados de “scavenger”, pois a cata também remetia a restos de alimentos, como remexiam os resíduos, as pessoas o(a) associavam a esse termo utilizado também a animais como abutres e urubus, hienas e lobos e todo o tipo de carniceiro. (BOSI, 2015).

O termo trapeiro(a) tem ligação com as primeiras indústrias de papéis, o resíduo de trapos e panos era reutilizado nas indústrias. Em 1690, na Filadélfia, Estados Unidos, o Moinho de Rittenhouse começou a reciclar papel pela fibra obtida dos trapos de algodão e linho (ADEODATO, 2008). Mais tarde, em 1840 e 1850, a indústria de papel em desenvolvimento, pelo manuseio de restos de panos, ocasionou um aumento na demanda de matéria prima de refugo, assim como o uso do ferro descartado para uso em usinas e confecção de outra mercadoria, garrafas e vidros intactos eram comprados para recolocá-los novamente ao mercado. Assim se constituía o início da atividade de catar resíduos recicláveis. (BOSI, 2015).

No Brasil, a crônica “Pequenas Profissões”, de 1904, do escritor Paulo Barreto (João do Rio) acusa o aparecimento dos trapeiros, na cidade de Rio de Janeiro “[...] os trapeiros existem desde que nós possuímos fábricas de papel e fábricas de móveis”. (RIO, 2008, p. 56). O escritor os classifica em dois grupos, os que catavam trapos de todos os tipos, pedaços de pano, com sujeiras tirados de lixeiras e outros procuravam panos limpos, trapos em perfeito estado, que vendiam a lustradores de fábricas de móveis. (RIO, 2008). Entretanto, esse trabalho obteve declínio com a predominância da celulose na indústria de papel. (BOSI, 2015).

Papeiros(as) ou Catadores(as) são denominações populares utilizadas até os dias atuais. Muitas vezes, pelo papel ser um dos materiais recicláveis (MR) mais coletados e o CMR ser o(a) primeiro(a) contato com o resíduo e o laboral envolver uma espécie de catação no ato de coletar, selecionar, classificar de acordo com sua característica e ser transformado em material reciclável destinado a cadeia de reciclagem. No Brasil, a profissão de CMR foi reconhecida oficialmente no Código Brasileiro de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego, a partir de 22 de outubro de 2002, as ocupações de Catador de MR e Seleccionador de MR e, em 10 de janeiro de 2011 foi reconhecida nova ocupação Operador de prensa de MR.

O desenvolvimento desta atividade e o crescimento no número de catadores(as), também é observada pelo(a) próprio(a) sujeito(a) catador(a), conforme depoimento do(a) entrevistado(a) nesta pesquisa: “[...] quando a minha mãe puxava, eu tinha oito anos, via um ou dois na cidade, e agora tem bastante. Antigamente era serviço de preconceito, hoje em dia não, têm pessoas aí que ganham bem e estão puxando”. (ENTREVISTADO E, 2019). A evolução no número destes(as) profissionais é visualizado pelo entrevistado, ao comparar e traçar uma linha do tempo entre seus oito anos de idade até os dias atuais. Da mesma forma, “[...] por estarem nas partes inferiores do ambiente urbano, passavam despercebidos aos olhares, ou eram taxados como mendigos”. (BOSI, 2015), possivelmente o olhar a esta profissão não era reconhecida, e o(a) sujeito catador(a) não era visualizado.

O(a) ser Catador(a) é evidenciado, geralmente por se tratar uma atividade da família, constituída desde a infância, conforme depoimentos: “*Eu entrei por causa do meu marido [...] porque eu queria trabalhar, só que eu estava grávida e tinha nenê, aí ele falou assim que quando eu ganhar o nenê você pode entrar. Daí eu ganhei ele, aí com quatro meses eu entrei*”. (ENTREVISTADA J, 2019). “[...] eu puxava papel com ele², pelo carrinho daí, tinha uns oito anos [...]”. (ENTREVISTADA D, 2019). “*Desde criança eu ia junto com meu pai cata com ele, desde pequenininha, ele era catador, trabalhou no lixão, no tempo do lixão, e nós se criamos assim [...] se nós não fossemos, ficava em casa separando material [...]*”. (ENTREVISTADA F, 2019). “[...] como

² Pai.

nós era pequena nós íamos com o pai, nós íamos lá, nós catávamos na rua e separava [...]”. (ENTREVISTADA H, 2019). Isto é, um ciclo de movimento entre gerações. Desde criança, catavam recicláveis, junto com seus pais refletida até a realidade atual.

Além disso, esse trabalhador(a) vai em busca de condições adaptáveis que facilitem sua prática, se auto-organiza: “[...] *eles compram um caminhão ou carro, kombi e cortam, uma Brasília e cortam pra puxar papel, sem carteira, sem documento [...]”* (ENTREVISTADO A, 2019). Como também é visualizado na figura 1, acima.

Neste contexto de auto organização, o(a) CMR se organiza em associações ou cooperativas, reunidos(as) a um mesmo objetivo, institucionalizados(as) pelos princípios da economia solidária, coletividade e igualdade. Pela garantia de boas condições de venda desse material, a organização em associações e cooperativas se mostra importante na busca do maior volume e consequentemente maiores ganhos. A condição e as necessidades deste(a) trabalhador(a) aliaram à catação, o manejo com resíduo um trabalho que recicla também esse ser humano.

4.2 Relação resíduo reciclável-trabalho na ACAT-DV

A relação histórica nas práticas de reciclagem se mostram, inicialmente, associadas ao contexto social de pobreza, necessidades e desigualdades. O reaproveitamento de materiais domésticos e de trabalho percorrem desde a antiguidade clássica, materiais passavam de uma utilidade para outra, ferramentas que perderam importância na guerra eram transformadas em instrumentos de trabalho como foice ou arado. O aspecto histórico-social de discriminação e desigualdade na atividade com resíduos, evidencia desde a idade média, pessoas com pouco ou nenhum prestígio social eram as que manuseavam os rejeitos. As práticas de destinação final dos resíduos, geralmente eram em locais distantes da cidade. (BOSI, 2015). Da mesma forma, as pessoas que o manuseavam, também, se tornavam distantes nos olhares desta sociedade.

No Brasil, o Jornal do Comércio, de 05 de novembro de 1896, noticiou as práticas de recuperação e de catação, no lixão de Sapucaia, na Bahia da Guanabara, onde portugueses e espanhóis catavam para a sobrevivência e para suprir as necessidades das indústrias de reaproveitamento e reutilização. (EIGEENHER; et al., 2005).

A reciclagem está associada as condições de existência dos pobres. Na sociedade o motivo principal para reutilizar coisas foi a pobreza, ao menos até o século XIX. (BOSI, 2015). Nos anos anteriores ao século XX, as pessoas eram estimuladas por esforços de guerra e a escassez de matéria-prima ou pelo mercado de usados, a doar ou vender seus materiais, como: borracha, metais, tecidos, trapos, jornais velhos, pneus, panelas, restos de alumínio, entre outros, quase tudo era reaproveitável. Mais tarde, não havia necessidade de reaproveitar materiais, pois a aceleração com que eram produzidos e o acesso com que eram dispostos ao mercado e ser substituídos, se perdeu o sentido de reutilizar, e deste modo, os produtos que não tinham mais utilidade eram descartados, consequentemente, formando montanhas de resíduos, e a preocupação do que fazer com eles. (ADEODATO, 2008).

Neste sentido, a atividade de reciclagem se mostrou importante, por aliar de um lado a preocupação da produção e de consumo crescentes, para a destinação dos rejeitos como consequência e de outro, a condição atual e futura da disponibilidade dos recursos naturais não renováveis. (MONTIBELLER-FILHO, 2001). Quanto mais se aproxima do tempo presente, o comércio de resíduos e a prática social da reciclagem, também, se converte em negócio. (BOSI, 2015).

As políticas que asseguram o trabalho e condições favoráveis aos(às) catadores(as) começaram a surgir em meados de 1999, no 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, em Belo Horizonte-MG. A proposta de um Movimento Nacional de Catadores(as) de Materiais Recicláveis (MNCR) surgiu deste Encontro. (MNCR, 2019).

O MNCR foi fundado em junho de 2001, no 1º Congresso Nacional dos Catadores(as) de Materiais Recicláveis, em Brasília, que reuniu mais de 1.600 pessoas entre: catadores(as), técnicos(as) e agentes sociais de dezessete estados do Brasil. Neste congresso foi lançado o documento da Carta de Brasília, a qual reflete as necessidades referente ao trabalho com resíduos

recicláveis. (MNCR, 2012-2019). Até os dias atuais o MNCR tem importante papel nas políticas públicas destes(as) trabalhadores(as).

Além de diferentes iniciativas, programas, diretrizes de saneamento básico e Leis que auxiliam no fortalecimento, e condições melhores de trabalho e de vida destes(as) profissionais, os principais exemplos são o MNCR, a Associação Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (ANCR), Programa CATAFORTE e, a Lei 12.305/2010 da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS).

A PNRS propõe medidas de responsabilidade compartilhada na destinação dos RSU, uma parceria entre o consumidor, o Poder Público e as indústrias, por meio da logística reversa. Os estados e municípios criam Planos de Gerenciamento entre: a) Nacional; b) Estadual; c) Microrregionais ou metropolitanas ou aglomerações urbanas; d) Intermunicipais; e) Municipais; e f) Gerenciamento de Resíduos Sólidos (BRASIL, 2010). Assim como um novo sentido na administração dos RSU e um novo olhar nas organizações de trabalho dos catadores.

Diante deste cenário, o que se visualiza na realidade histórica da Associação de catadores(as) da cidade de Dois Vizinhos-PR, ACAT-DV, alguns programas e instituições federais, estaduais e o Poder Público municipal, colaboraram para fortalecer a Associação. A ACAT-DV conta com apoios institucionais, sua primeira atividade é registrada no ano de 2012, no barracão cedido pela Prefeitura Municipal. A Secretaria de Agricultura do município disponibiliza um técnico de apoio para a ACAT-DV que acompanha os processos de gestão, “[...] a *preparação do capital social, a gestão em si, e a busca por novos pontos de coleta [...]*”. (TÉCNICO, 2019). Essa disponibilidade do técnico começou a partir do ano de 2014. Neste mesmo ano, a Associação ganhou concessão de uso, pela Prefeitura, de um caminhão e equipamentos, juntamente um contrato de prestação de serviço de coleta de RR no município.

A Associação não tinha, desde sua formação em 2011, legalmente, todo o RSDR do município, reconhecido em Lei à empresa particular, desta forma a ACAT-DV era obrigada a atuar de forma competitiva com essa empresa e catadores(as) autônomos(as) na coleta do RR. Também, concorre com a empresa intermediária³, a qual a Associação vendia o material reciclável, pois essa empresa compra materiais de outros(as) catadores(as) que não são associados(as) da ACAT-DV. Além disso, a Associação possuía parceria de coleta dos RR com algumas empresas da cidade que eram doados ou comprados pela ACAT-DV. Essa realidade permanece até os dias atuais.

No ano de 2015, o grupo Tetra Pak Ltda, concedeu para a Associação alguns equipamentos para auxílio na separação, assim como, a Associação realizava o trabalho de separar caixinhas de leite, que mais tarde retornam para a empresa Tetra Pak. Infelizmente no ano de 2016, as condições ficam mais precárias, o barracão e os equipamentos foram atingidos por incêndio, dificultando ainda mais o trabalho. Porém, alguns associados(as) permanecem trabalhando sob essas condições pós-incêndio até início de 2018. Em vista disso, algumas instituições auxiliaram novamente a ACAT-DV, o Instituto da Água do Paraná disponibilizou novo caminhão e equipamentos, a Funasa concede recurso financeiro para construção de outro barracão, observado até o momento sem execução. O cenário atual, final de 2018 e início de 2019, mostra que a ACAT-DV conseguiu construir novo piso com recursos próprios, o telhado doado pela Tetra Pak, e reforma pela Prefeitura Municipal, o que se aguarda até o momento é a construção do novo barracão, e no total serão dois barracões que poderão armazenar maior volume de reciclável, associar outros(as) catadores(as), assim como, obter maiores ganhos.

A organização, os desequilíbrios, a luta e a resistência destes(as) trabalhadores(as), a colaboração externa de instituições e os amparos de Leis são essenciais e a persistência dos(as) associados(as), pois contribuiu para reorganizar a ACAT-DV. Mudanças foram tomadas na organização interna e externa da Associação, assim como, a implantação de carteira assinada aos associados(as), o aumento no valor do contrato com a Prefeitura, reformulações na gestão administrativa, revelaram o bom andamento do trabalho e aumento no volume de recicláveis.

³ Compra e venda de materiais recicláveis. Vende os materiais para grandes empresas de reciclagem.

4.3 Trabalho, princípio de educação

O(a) catador(a) da ACAT-DV carrega o contexto de necessidade e sobrevivência, tanto em sua realidade pessoal como na realidade organizacional, de ser associado(a). Eles/elas, aprendem por meio da prática social cotidiana, questões específicas que envolvem o trabalho. Muitas vezes, essa realidade está ligada pela carência da educação formal completa, geral, de compreender as questões sociais e políticas próprias de sua categoria profissional. O aspecto de educação escolar destes(as) trabalhadores(as) apresenta a dificuldade de inserção e oportunidade de frequentar a educação formal, muitas vezes, algo irrelevante pela ocupação ser precária e não indicar necessidade de instrução, ao mesmo tempo desnecessária, pois o trabalho se torna primordial à condição de vida.

No contexto desigual, a educação escolar submetida ao objetivo de competência para a entrada no mercado de trabalho, influência diretamente para a dinâmica do trabalho precarizado, pois o sujeito vive na desigualdade e necessita de alguma forma sustentar ou complementar a renda própria ou da família. E neste caso, o trabalho se torna mais necessário do que a educação formal.

A tabela 01 a seguir, apresenta dados sobre a faixa etária e o grau escolar dos(as) catadores(as) da ACAT-DV:

Tabela 1. Faixa etária e grau de escolaridade

Faixa etária	Grau de escolaridade									Total				
	Ensino Fundamental Anos Iniciais				Ensino Fundamental Anos Finais				Ensino Médio					
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	1º			2º	3º	
20 - 26						1	2			1		1	5	46%
30 - 36				1			1	1					3	27%
43 - 63	2							1					3	27%
Total	3				6				2			11		
Percentual	27%				55%				18%			100%	100%	

Elaboração: AUTORA, 2020.

A maioria dos(as) trabalhadores(as) frequentaram até o ensino fundamental. Na faixa etária dos jovens está o maior alcance da escolaridade, cinco (46%) frequentaram entre os graus da 6ª série ao 3º ano do ensino médio. Na faixa de idade maior, 18% interromperam os estudos na 1ª série dos anos iniciais. Entre a faixa dos 30 – 36 anos ficam no grau de ensino fundamental, com apenas 9% terminado os anos iniciais e 9% os anos finais.

Isto mostra a falta de oportunidade para concluir os estudos. Somente 9% completou todas as etapas escolares, na faixa etária jovem. Os associados de maior idade vieram do meio rural, como relatam em suas experiências: “[...] antes eu trabalhava nos colonos, carpindo, que primeiro aqui era só lavoura, trabalhava quebrando milho”. (ENTREVISTADO I, 2019). “[...] antes nós morávamos na colônia e daí viemos morar pra cidade”. (ENTREVISTADA J, 2019). Este contexto demonstra que não era exigido, nem necessário a educação formal, pelo fato destes(as) estudarem somente na 1ª série dos anos iniciais.

Na história do Brasil, para a maioria dos(as) sujeitos, a transição da escola para o trabalho ou inserção nos dois segmentos, estudar e trabalhar, sempre ocorreu de forma precária e insegura. Em razão da promessa dos direitos sociais garantidos pelo trabalho e cidadania, na era Vargas, se configurou no Brasil um padrão desenvolvimentista de jovens que deixaram o sistema educacional para ter uma ocupação. (CARDOSO, 2010). Isto é, pelas ocupações de baixa qualidade ou o jovem ter a necessidade de trabalhar cada vez mais cedo, a educação se torna irrelevante nesta dinâmica.

A partir do final dos anos 1980, inspirada pelo padrão de produção do toyotismo, ocorreu as reformas educativas neoliberais. Deste modo, o processo pedagógico se torna flexível e alinhado de acordo com o sistema econômico. (LOMBARDI et al., 2005).

Entre a faixa etária de 26 a 36 anos, observa-se o maior número de tempo de permanência na escola, estes tiveram início dos estudos nos anos de 1989 a 1999 respectivamente. Conforme

dados de Hasenbalg e Silva (2003) nos anos 1990 houve expansão mais vigorosa da educação escolar, que conseguiu diminuir o número de crianças e adolescentes no mercado de trabalho, essa expansão sugere a ocorrência em todas as idades e séries escolares.

Hasenbalg e Silva (2003) mencionam que a diminuição pode estar associada na evolução dos índices quantitativos do sistema educacional, mas também na evolução desfavorável do mercado de trabalho, na década de 1990, o aumento do desemprego e na qualidade dos postos de trabalho. Isto é, quando a educação se tornou central para a entrada no mercado de trabalho os índices quantitativos da educação formal aumentaram, mas conseqüentemente, o trabalho se torna competitivo, gerando o desemprego, a informalidade e atividades precárias de maior exploração da força de trabalho.

A maior frequência, na escola, está na categoria de idade dos 20 a 26 anos. Porém, isso não significa que ocorreu de forma completa, pois a maioria não terminou os estudos no ensino fundamental e não chegou a cursar o ensino médio. Um desses fatores é o contexto social de necessidades, conforme relata o entrevistado: *“Só trabalhei, eu quando me conheci por gente, pai e a mãe separaram, fui morar com o pai. Só trabalhei daí, parei de ir na escola, aí, onde ele ia tinha que ir trabalhando, [...] sem estudo ainda [...]”*. (ENTREVISTADO C, 2019). Para ele, a vida toda foi trabalho e a educação escolar teve que ser abandonada para contribuir na renda da família. Nestas condições, para os(as) jovens, a educação e o trabalho deveriam ser conciliados, pois o desemprego ou a informalidade pegava aqueles que saíam do sistema educacional. (CARDOSO, 2010).

Por outro lado, os aspectos do trabalho do(a) catador(a) compreendido como princípio educativo, integra as relações cotidianas vivenciadas no trabalho, a identidade formada pelo que a sociedade reproduz e a aprendizagem que recebe ao fazer parte deste trabalho e estar inserido(a) socialmente, mesmo que periféricamente. O(a) trabalhador(a) catador(a) se autotransforma a partir do que cria e recebe com seu próprio trabalho, uma espécie de educação social cotidiana.

5. CONCLUSÃO

O processo histórico-socioeconômico da reciclagem se mostra como uma prática da população pobre, desde quando não era considerado um trabalho. Essa população, por se constituir num ambiente precário de sobrevivência, encontrou na reutilização e transformação de outros objetos a favor de suas necessidades do momento. A reciclagem se mostra fundamental nos aspectos sociais e ambientais ao dar outro destino ao resíduo, trabalho e renda à população pobre. Esta é uma prática social daqueles/as que encontraram na reciclagem um meio de sustento, de necessidade tanto para satisfazê-las quanto no sentido de necessária para sua integração social mesmo em condições mínimas e desiguais.

Como as condições de existência e participação social acontecem à margem desse padrão mercadológico, o(a) catador(a) encontrou nessa atividade um meio de promover sua sobrevivência e estar inserido(a), nessa atividade, pela garantia que o trabalho oferece. Neste contexto, o trabalho tem significado de sobrevivência, muitas vezes, uma condição maior do que seguir o caminho de formação crítica, educacional, política. O que explica o desconhecimento de leis, documentos e responsabilidades sociais. O sentido educativo no trabalho do(a) CMR integra relações de aprendizagem para a vida social destes(as) sujeitos. A educação por meio dos elementos necessários na organização específica dentro desta atuação, assim como, as formas de aprendizagem das funções desempenhadas, na utilização de maquinários e equipamentos. Ou seja, a organização do trabalho influencia elementos que educam para a produção e a vida em sociedade.

O espaço da ACAT-DV proporciona aprendizagem por meio das funções, que possibilita a transformação nos aspectos pessoais e profissionais. O(a) catador(a) inserido(a) na ACAT-DV, é um/uma sujeito(a) histórico de luta, resistência e superação dos limites impostos pelo desenvolvimento da Associação, sua vida é trabalho e por meio dele conhece os elementos da vida social.

1. REFERÊNCIAS

ADEODATO, S. E. A. Reciclagem, ontem, hoje e sempre. São Paulo: Cempre, 2008.

ALVES, M. A.; TAVARES, M. A. A dupla face da informalidade do trabalho: "autonomia" ou precarização. In: ANTUNES, R. Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006.

ANTUNES, R. Dimensões da precarização estrutural do trabalho. In: DRUCK, G.; FRANCO, T. A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 240.

BOSI, A. D. P. História dos catadores no Brasil. São Paulo: Verona, 2015.

BRASIL. Lei nº 12.305 de 2 de agosto de 2010. Política Nacional de Resíduos Sólidos, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.html>. Acesso em: 27 fev 2019.

CARDOSO, A. M. A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigativa sobre a persistência secular das desigualdades. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

EIGENHEER, E. M.; FERREIRA, J. A.; ADLER, R. R. Reciclagem: mito e realidade. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2005.

HASENBALG, C.; NELSON, D. V. S. Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida. Rio de Janeiro: TopBooks, 2003.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, L. J. Capitalismo, trabalho e educação. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

METRO JORNAL. Catadores de recicláveis trafegam em veículos inseguros e até pendurados, 2018. Disponível em: <<https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/11/05/catadores-de-reciclaveis-trafegam-em-veiculos-inseguros-e-ate-pendurados.html>>. Acesso em: 11 mar 2020.

MNCR, Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis. Carta de Brasília, 2012. Disponível em: <<http://mncr.org.br/sobre-o-mncr/principios-e-objetivos/carta-de-brasilia>>. Acesso em: 25 out 2019.

_____, Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis. História do MNCR, 2019. Disponível em: <<http://mncr.org.br/sobre-o-mncr/sua-historia>>. Acesso em: 25 out 2019.

MONTIBELLER-FILHO, G. O mito do desenvolvimento sustentável: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias. Florianópolis: UFSC, 2001. 306 p.

POCHMANN, M. O emprego no desenvolvimento da nação. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. O trabalho no Brasil pós-neoliberal. Brasília: Liber Livro, 2011.

QUIJANO, A. Notas sobre o conceito de marginalidade social. In: PEREIRA, L. Populações Marginais. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

REDE BRASIL ATUAL, RBA. Catadores têm papel central na reciclagem em São Paulo, dizem especialistas, 2012. Disponível em:

<<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2012/05/catadores-tem-papel-central-na-reciclagem-em-sao-paulo-dizem-especialistas/>>. Acesso em: 11 mar 2020.

RIO, J. D. A alma encantadora das ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SUL21. Catadores de materiais recicláveis exigem ser ouvidos sobre lei que proíbe circulação de carrinhos, 2016. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2016/08/catadores-de-materiais-reciclaveis-exigem-ser-ouvidos-sobre-lei-que-proibe-circulacao-de-carrinhos/>>. Acesso em: 11 mar 2020.